

LADO A LADO: Uma análise sócio-antropológica de um condomínio horizontal fechado.

Jéssica Neves Lôro¹

RESUMO

Este artigo tem por finalidade analisar a atual proliferação de um novo tipo de enclave residencial: Os condomínios horizontais fechados. Com enfoque ao condomínio residencial Boulevard Lagoa Residence & Resort, situado em Serra. Sendo este um condomínio afastado das áreas valorizadas da cidade, porém, com um alto grau de sofisticação, conseguindo desenvolver certa autonomia em relação ao resto da cidade.

Deste modo, busca-se uma análise do processo de segregação socioespacial, buscando suas razões, na perspectiva da disposição pelo medo e a obsessão pela segurança aliados à sobrevalorização do indivíduo, ou seja, à sua fragilidade e vulnerabilidade.

Palavras-chave: *Segregação Socioespacial, Condomínios Horizontais Fechados, Segurança, Medo.*

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo

INTRODUÇÃO

A organização dos espaços urbanos traduzem-se de diversas formas dentro do ambiente urbano brasileiro, a integração e encontro de diferentes tipos de indivíduos são traços marcantes na constituição desses espaços, sendo observados inicialmente como ambientes democráticos, que evidenciavam a passagem de um grande e diverso fluxo de pessoas.

Visto como uma ideia inicial na constituição das cidades, tais aspectos como democracia e livre passagem se encontram de certa forma mais distantes deste imaginário urbano, pois as cidades se representam cada vez mais de forma segregada e hierarquizada. Dividida por locais determinados para cada tipo de classe social, como é o caso dos bairros nobres e as favelas.

Alguns fatores como a violência e o medo atualmente acentuam os processos de mudança social, consolidando a estigmatização de certo grupo de indivíduos, ocasionando o distanciamento e o fechamento de relações mais direcionadas para aqueles que se identificam como aparentemente iguais.

Desta forma, o distanciamento/isolamento se caracteriza de várias formas, como é o caso da proliferação da construção de condomínios horizontais fechados. O crescimento deste tipo de habitação caracteriza o novo padrão de segregação entre as classes mais abastadas da sociedade. Porém, este novo modelo apresenta características diferenciadas antes descartadas pelas classes média e alta. Sua localização em zonas periféricas demonstra um novo padrão entre os indivíduos que optam por essa nova forma de morar.

Portanto, analisando as novas formulações dos espaços públicos urbanos, proponho observar quais as relações estabelecidas entre aqueles que optam por morar dentro de um condomínio fechado e aqueles que moram no seu entorno? Quais os mecanismos que influenciam nesta escolha? Até que ponto isolamento e segregação são observados pelos indivíduos integrantes deste processo?

A construção deste tipo de habitação é verificada no Brasil desde meados dos anos 80 e 90, no entanto, na região da Grande Vitória esse crescimento é mais recente, a partir dos anos 2000

ocorreu um *Boom* imobiliário, no entanto, se caracterizou por um ritmo lento, se consolidando apenas entre os anos 2006 e 2008.

O condomínio horizontal fechado que usarei como plano de estudo nesta pesquisa se localiza na Grande Vitória, no município de Serra, localizado no Bairro Feu Rosa. Entrepostos como dois mundos distintos, o condomínio em questão é visto como um novo bairro dentro do bairro Feu Rosa, separados por um enorme muro e diversos aparatos de segurança.

Desta forma, utilizarei o exemplo dos condomínios horizontais fechados para apresentar as novas e antigas formas de segregação e os mecanismos utilizados para dar legitimidade na escolha por viver de forma homogênea, estabelecendo relações com pessoas de um seletivo grupo, e interiorizando um status social idealmente desejado.

CONDOMÍNIOS HORIZONTAIS FECHADOS E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DO ESPAÇO URBANO

Ao analisarmos a configuração urbana das grandes cidades brasileiras, não podemos deixar de notar a proliferação de um novo tipo de enclave residencial fortificado: os condomínios horizontais fechados. Conceitua-se “enclaves fortificados” segundo Caldeira (2000) como: “Espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho”. Assistido como um fenômeno internacional, a difusão deste “novo” tipo de habitação têm se intensificado cada vez mais. Abrigando normalmente famílias provenientes das classes abastadas da sociedade, dinamizam esquemas de ocupação dos espaços urbanos e mantêm relações de ocupação complexas com a cidade aberta.

A ocupação das cidades aconteceu de forma desordenada e compulsória no Brasil, em algumas regiões como Sudeste e Sul, tal desordenamento ficou ainda mais acentuado, sendo estes impulsionados pelas novas oportunidades oferecidas pela cidade. A criação de novas fábricas e novos empreendimentos urbanos fez com que o Brasil passasse de um país rural para um país

urbano. No entanto, apesar dessas novas oportunidades e facilidades que a cidade apresenta esta não estava preparada para receber tantos habitantes, provocando um inchaço em algumas regiões. A falta de planejamento e o crescimento acelerado provocaram algumas consequências, tais como falta de saneamento básico, ocupação de áreas em risco, poluição, falta de residências e outros. Este crescimento desenfreado fez com que o espaço urbano se caracterizasse como um espaço demarcado por áreas de habitação desiguais. O autor Magnani (2002) afirma que o crescimento desordenado das áreas urbanas não teve como atribuição final somente a desagregação do processo de urbanização, mas também teve modificações nas formas de sociabilidade, no entanto não caracterizou o fim destas.

Historicamente, a dinâmica urbana brasileira por muitos anos se caracterizou pelo padrão centro-periferia, onde as classes mais altas ocupavam as regiões centrais, e as classes mais baixas residiam nas regiões periféricas, no entanto, um processo contrário vem sendo observado, as classes mais altas tem ocupado regiões que antes eram ocupadas pelas classes mais baixas, porém, com alto nível de distinção, sendo assegurados por um alto grau de segurança e distanciamento dos espaços públicos urbanos. A disseminação/procura por este novo modelo de habitação estão relacionadas às transformações sociais, políticas e econômicas que alteram as relações existentes até então entre sociedade e território.

Caldeira (2000) analisa que o surgimento dos condomínios fechados evidencia um novo modelo de segregação espacial e desigualdade social. Substituindo, aos poucos, o padrão centro-rico/periferia pobre. Dando lugar a outros tipos de espaços segregados, fragmentados e heterogêneos, derivados de transformações nos padrões de moradias dos mais ricos e dos mais pobres. A construção dos condomínios horizontais fechados vem modificando este cenário, em função do alto custo das terras, tais condomínios se alojam nas áreas periféricas da cidade. A busca por segurança e homogeneidade configura esta nova forma de habitação, Caldeira (2000) afirma.

“Sobrepostas ao padrão centro-periferia, as transformações recentes estão gerando espaços nos quais os diferentes grupos sociais estão muitas vezes próximos, mas estão separados por muros e tecnologias de segurança, e tendem a não circular ou interagir em áreas comuns. O principal instrumento desse

novo padrão de segregação espacial é o que chamo de ‘enclaves fortificados’, Trata-se de espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho. A sua principal justificação é o medo do crime violento. Esses novos espaços atraem aqueles que estão abandonando a esfera pública tradicional das ruas para os pobres, os ‘ marginalizados’ os sem-teto.” (Caldeira, 2000 p.4)

Este processo pode ser visto em uma das passagens do livro de Harvey (2004), onde ele escreve que esse tipo de habitação pode ser identificado como *gueto de opulência*, uma forma de intensificar o desenvolvimento desigual e combinado presente nas grandes cidades do mundo capitalista. Segundo Miranda (2008) a habitação em comunidades fechadas representa um desejo de isolamento, característico da lógica individualista inicialmente projetada através das revoluções burguesas. Assim, diversos tipos de associações voltadas para interesses mais amplos que os individuais tem se esvaziado. Restringindo o ambiente somente para aqueles que apresentam livre passagem.

Tais áreas restritas impelem a qualquer cidadão que se diferencie de alguma forma dos demais moradores do condomínio certa suspeita. Por exemplo, não estar motorizado com um carro de luxo ou ser um pedestre. Esses novos lugares de habitação são marcados pela distância que apresentam das áreas centrais da cidade, desta forma a maioria dos moradores utilizam automóveis para se locomover, até mesmo para a ida a lugares perto do condomínio. Desta forma, o ambiente é marcado por essa distinção entre pedestres e pessoas motorizados, portanto, até mesmo um pedestre pode ser alvo de um olhar diferenciado.

A relação de livre acesso as ruas antes privilegiados por seu teor democrático, perde total credibilidade dentro dos condomínios, o ir e vir deixa de ser o propósito maior, ocasionado o fechamento á aqueles que se diferenciam.

(...) a vida urbana tornou-se portátil e, desse modo, ocorreu o mesmo com a “cidade”. Em lugar da forma compacta de cidade que outrora representava um processo histórico em formação há anos, existe agora uma população metropolitana distribuída e organizada em áreas regionais em permanente expansão, que são amorfas na forma, maciças no escopo e hierárquicas em sua escala de organização social. Os limites desse projeto parecem ser preenchidas quase da noite para o dia, e se tornou cada vez mais difícil fugir ao ambiente construído circunscrito. Quando tentam mudar de um lugar de alta densidade populacional, em busca de um estilo de vida mais satisfatório em termos de localização, as pessoas tendem a expandir as fronteiras populacionais maciças. (GOTTDENER, 1997, P.14)

Podendo ser situados tanto em zonas rurais ou próximo a zonas periféricas, tendem a ser áreas homogêneas, ambiente socialmente construídos para viver entre aqueles que se aproximam de um distinto padrão social, e protegendo-se desta forma, dos possíveis contratempos que a cidade aberta lhes oferecem, os encontros indesejados ou o aparente perigo que a cidade oferece

Identificados pela ideia de segurança, Segundo Leitão (2005) os condomínios fechados se fecham em si mesmo. Rejeitando o sujeito externo, e se separando do resto da cidade. Portanto são formas espaciais segregatórias, percebendo assim que são cidades dentro de cidades. Uma cidade se dissocia da outra, visto que, em grande parte dos condomínios horizontais fechados verificam-se diversos atributos só encontrados inicialmente no meio urbano.

Sua forma arquitetônica evidencia seu caráter segregador e a rejeição pela vida pública, seu distanciamento da cidade aberta, sendo seus aparatos de segurança e intenso controle mecanismos advertentes do seu panorama inclusivo e exclusivo. Segundo Caldeira (2000):

“Os enclaves privados e fortificados cultivam um relacionamento de negação e ruptura com o resto da cidade e com o que pode ser chamado de um estilo moderno de

espaço público aberto à livre circulação. Eles estão transformando a natureza do espaço público e a qualidade das interações públicas na cidade, que estão cada vez mais marcadas por suspeita e restrição.” (CALDEIRA, 2000 P. 259)

Os condomínios são marcados por um sistema simbólico que induz ao indivíduo um status social elevado, em sua maioria são rodeados por enormes muros que isolam qualquer olhar para além das guaritas. As/Os porteiros, as/os seguranças, as câmeras, são amplas traduções desse esquema de isolamento/restricção, afirmando sempre à distância e as desigualdades entre aqueles que moram e aqueles que apenas podem observá-lo. Todos esses mecanismos explicitados são estratos para a elevação de um status social tão almejado.

No entanto, estes enclaves não são exclusivamente da sociedade contemporânea, sua atual conjuntura se classifica de uma forma nova, porém, este tipo de construção, que se baseia num modelo de isolamento já era visto desde o início da constituição das sociedades, mas, apresentava-se de forma diversificada.

Durante a Idade Média, por exemplo, a Europa foi marcada pela construção de castelos, devido ao grande número de guerras da época. Estes castelos eram símbolos da busca de segurança e proteção, para os senhores feudais e seus familiares. Os senhores feudais erguiam muros, grande parte deles construídos por blocos de pedras e com vários arqueiros e outros tipos de guerreiros ao seu redor, evitando assim a passagem de inimigos, se tornando o refúgio dos moradores do feudo.

Os castelos eram vistos como o ambiente mais protegido, aquele que tinha livre acesso, poderia se considerar um indivíduo privilegiado, evidenciando a superioridade do senhor feudal, seu poder sobre os demais, um verdadeiro símbolo de ostentação e poder.

Um exemplo tipicamente brasileiro é a Casa-Grande, construídas para dar proteção aos senhores, sobre alicerces profundos, eram verdadeiras fortalezas, feitas para durarem séculos. Só podiam entrar na Casa os escravos que serviam como serviçais para o trabalho doméstico, sendo o senhor de engenho portador de poder total sobre seus escravos, empregados e moradores. Apesar de

desde o Brasil colônia já apresentar tal modelo segregatório entre as cidades, vide *casa-grande* texto onde Gilberto Freyre evidenciava a ideia do modelo de construção como modo de distinção. Tais modelos, instrumentos e regras com o passar dos anos se modificaram consideravelmente, conferindo como a identidade particular de cada cidade, sendo evidenciadas por estas. Porém, é possível identificar padrões de organização e segregação espacial e seus instrumentos, tais padrões são usados como forma de moldar seus espaços. Os condomínios fechados que estão transformando cidades contemporâneas, explicitam a emergência de um novo padrão de organização das diferenças sociais no espaço urbano. As decorrências deste modelo são um novo tipo de espaço público e de interações dos cidadãos em público, empregado pelas classes médias e altas.

Estes dois modelos de moradia, demonstram o padrão diferenciado embutido na sociedade há tempos. Tratando do modelo brasileiro de habitação é perceptível que a aceitação por viver em condomínios fechados passou por uma transformação dentro das classes mais altas. A habitação em áreas coletivas como os apartamentos, não eram bem vistos, pois remetiam a imagem dos antigos cortiços, numa análise acerca dessa vivência aproximada a outras pessoas, Bauman (2003) disserta acerca da vida em comunidade, ele demonstra essa inaptidão da escolha de viver em comunidade, pois as pessoas estão cada vez mais individualizadas. Sendo que as casas foram por muitos anos o ambiente ideal para se morar, pois preserva a liberdade individual e a privacidade tão presadas pela típica família brasileira. Porém, com o passar dos anos os condomínios ganharam lugar dentre a escolha dos brasileiros.

Segundo Giddens (1991), os modos de vida produzidos pela modernidade nos afastam de todos os tipos tradicionais da ordem social de uma maneira sem precedentes. As transformações produzidas pela modernidade seriam mais profundas tanto no seu aspecto vertical quanto do ponto de vista horizontal.

Bauman (2009), em seu livro *Confiança e medo na cidade* cita Castel (2005) que “supõe que a insegurança moderna não deriva da perda da segurança, mas da “nebulosidade do seu objetivo”, pois vivemos num mundo social que “foi organizado em função da contínua e laboriosa busca de proteção e segurança”. A aguda e crônica experiência da insegurança é um efeito colateral da convicção de que, com as capacidades adequadas e os esforços necessários, é possível obter

segurança completa. Quando percebemos que não iremos alcançá-la, só conseguimos explicar o fracasso imaginando que ele se deve a um ato mal premeditado, o que implica a existência de algum delinquente. Observando que este crescente medo se deriva “pela redução do controle estatal (desregulação) e suas consequências individualistas, no momento em que o parentesco entre homem e homem- aparentemente eterno ou pelo menos presente desde tempos imemoriais-, assim como os vínculos amigáveis estabelecidos dentro de uma comunidade ou de uma corporação, foi fragilizado ou até rompido”.

Desta forma, a exclusão é vista não apenas como um resultado temporário e remediável, mas apresenta uma aparência de definitivo. O medo de conviver fora dos cercos de segurança, disponibilizados pela estrutura dos condomínios, gera um distanciamento cada vez maior entre as pessoas. Apesar de a sociedade atual ser considerada uma das mais seguras que já existiram, as pessoas, desarmadas diante do processo do vórtice global, fecharam-se em si mesmas.

Os enclaves fortificados carregam em seu conceito o ideal de segurança e homogeneidade. Os indivíduos que optam por este tipo de moradia, buscam cada vez mais viver em meio aos seus. Intensificado o medo pela cidade aberta, aliados pela dinâmica de homogeneidade social, e o aumento da criminalidade, são alguns dos fatores chave para a opção de morar em separado, num ambiente segregado e distante do resto da cidade. Não distante somente no sentido geográfico, mas também no simbólico.

Caracterizando como esse processo como “(...) a passagem da fase sólida para a fase líquida da modernidade”, Baumam afirma que as cidades se transformaram em verdadeiros depósitos de problemas causados pela globalização, e a tentativa de controlar tais problemas com o seu principal causador se demonstra como uma solução cada vez mais distante e inadequada.

A vida em qualquer sociedade é marcada por diversos mecanismos que provocam diferenciações entre as pessoas. Na sociedade ocidental contemporânea tais traços podem ser observados no cotidiano de forma muito acentuada, a divisão em grupos demarcam as características de cada um, explicitando seu “papel” na sociedade.

As relações de poder dentro de uma determinada região pode ser observada a partir de pequenas representações que induzem a certo grupo de indivíduos como superiores ou inferiores. Essas

relações de poder nem sempre são definidas somente pela classe social, mas por outros fatores de distinção interiorizados pelas pessoas.

Bourdieu (1998) descreve acerca do poder simbólico, sendo este definido como um poder invisível. Bourdieu (1998) observa o poder simbólico nas situações onde esse poder é ignorado, não visto. Os diferentes universos simbólicos são instrumentos de integração social, enquanto instrumentos estruturados e estruturantes por conta de serem estruturados, reproduzem de forma irreconhecível a estrutura do campo das classes sociais, portanto, é uma dimensão do progresso da divisão do trabalho social, da divisão de classes. Desta forma, o poder simbólico é uma forma irreconhecível e legitimada de outras formas de poder.

Ao iniciar uma pesquisa numa pequena comunidade, Norbert Elias e John Scotson (2000) começaram a perceber certas distinções numa comunidade aparentemente homogênea. Os autores descrevem no livro “Os Estabelecidos e os Outsiders” a diferença e a desigualdade social como relações entre os estabelecidos e os outsiders. Este livro é caracterizado como a Sociologia das relações de poder. Embora a comunidade se demonstrasse relativamente homogênea, os habitantes do lugar não a percebiam dessa forma. O grupo identificado como outsiders era estigmatizado, visto como grupo inferior, os estabelecidos se auto reconheciam como superiores. Tal identidade foi construída por conta da quantidade de tempo que o grupo dos estabelecidos já estava no local, utilizavam deste recurso como forma de superioridade. “Superioridade social e moral, autopercepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão são elementos dessa dimensão da vida social que o par estabelecidos e outsiders ilumina exemplarmente: relações de poder”. (p.8)

Essa autoimagem que caracteriza as relações de poder, visto como um grupo superior a outro é visível dentro do condomínio, a partir da sua percepção daqueles que podem e daqueles que não podem morar. Apesar de algumas dessas demonstrações se apresentarem no plano simbólico.

EXPERIÊNCIAS DE CAMPO

Baseio-me como método de pesquisa no texto “De perto e dentro: Notas para uma etnografia urbana” de Magnani, onde o autor articula duas linhas de pensamento, uma sobre a cidade e outra sobre etnografia, sendo este um texto essencial para compreensão de estudos relacionados ao meio urbano. Durante algumas idas ao balneário de Jacaraípe, comecei a observar uma grande construção no entorno do Bairro Feu Rosa, bairro situado numa região periférica de Serra, esta grande construção chamava a minha atenção por apresentar um enorme muro em sua frente, apresentando um design moderno, com uma decoração arrojada. Pensando sobre o que seria construído naquele lugar recebi um *flyer* que fazia uma apresentação sobre o condomínio que em breve seria inaugurado. Por coincidência, em algumas de minhas conversas com os estudantes de Geografia, fiquei sabendo de um grupo de estudos acerca deste novo modelo de habitação. Indagando-me sobre tal modelo, decidi escolher como tema a proliferação de condomínios horizontes nas áreas periféricas da Grande Vitória, com recorte espacial para o município de Serra, com enfoque ao Condomínio residencial e resort Boulevard Lagoa.

Observando toda essa dinâmica de segurança do local, percebi a dificuldade que teria de ter algum contato com moradores e trabalhadores, desta forma, comecei a fazer uma pesquisa exploratória pela internet, buscando descobrir quais os aspectos do condomínio. Pesquisando sobre o condomínio, encontrei a página onde faziam a apresentação de todas as suas características.²

Os atributos do condomínio remetem a um lugar onde se pode viver sem cruzar os muros, alguns destes atributos são: Micro-ônibus para fazer o transporte dos moradores; área comercial do empreendimento, com lojas de conveniência; vídeo locadora; professores de práticas esportivas; portaria blindada; sistema de monitoramento com câmeras na portaria e no perímetro, com gravações 24 horas; controle de acesso por meio de cartões; vidros blindados; portões de serviço e portão para trabalhadores.

² <http://www.boulevardlagoa.com.br/planejamento.html>

A partir de então, após um conhecimento maior das particularidades do condomínio através de seu site, decidi ir à campo, no entanto, tal ida apresentava grandes estorvos, um deles era a dificuldade de acesso ao local, por não conhecer nenhum morador ou trabalhador a entrada é praticamente impossível.

A entrada no condomínio é feita através de cartões magnéticos de identificação, e visitantes só podem entrar com a permissão de algum morador, regras comuns da maioria dos condomínios. Com esses embates comecei a pensar em alguma possibilidade de contato com algum residente.

Conversando acerca da minha etnografia com uma colega da sala, vi a luz no fim do túnel, ela comentou que conhecia uma pessoa que morava no local e pedi para que ela explicasse meu interesse sobre o estudo e a importância de um contato com algum morador, tanto do condomínio como do bairro vizinho, para que assim eu consiga dar continuidade a pesquisa. Ela entrou em contato com essa amiga e me notificou que tal ida só poderá ser realizada através de agendamento, devido aos compromissos da moradora, e por ser uma época um tanto turbulenta ainda não conseguimos tal agendamento.

Mesmo sem prévia possibilidade de entrada ao condomínio, fui até ao bairro em questão e busquei contato com algumas pessoas. Após a chegada ao bairro onde se localiza o condomínio, procurei conversar com pessoas que tem algum tipo de aproximação com o condomínio.

A primeira pessoa que conversei foi um vendedor de caldo de cana que fica próximo ao condomínio, ao ser indagado sobre a convivência entre os moradores do condomínio e o bairro vizinho, o vendedor disse que os moradores utilizavam o bairro como forma de adquirir recursos básicos, como a ida a padaria, ao lava-jato. Com o andar da conversa deixou claro que não são todos os moradores que vão até o bairro, apenas uma parcela. Enquanto estávamos conversando, o dono do lava-jato apareceu e começou a participar da conversa. Segundo ele, parte dos moradores do condomínio frequentam o seu estabelecimento e outros comércios do bairro, ele relatou o caso de um morador que é dono de um material de construção no bairro há quase 30 anos. Porém, essas relações são limitadas, se caracterizam apenas pela aquisição de matérias de conveniência, sendo outros tipos de relações praticamente inexistentes.

O mesmo relato foi feito por um trabalhador do condomínio, segundo este trabalhador, os

moradores ainda frequentam o bairro vizinho, na maioria das vezes, na busca e manutenção de subsídios cotidianos, relatando-me que a maioria dos moradores são donos ou empregados de empresas que se localizam naquela região. Segundo ele, o condomínio pode ser caracterizado como um novo bairro, pois apesar de ainda estar em fase de acabamento, este possui as mesmas características de um bairro residencial, onde as pessoas mantêm relações próximas entre si, sendo este um aspecto que os planejadores buscaram enaltecer através das áreas de lazer e os diversos eventos que ocorrem no seu interior.

Conhecendo um pouco mais do bairro, cheguei até o material de construção que haviam me relatado anteriormente que o dono era morador do condomínio, sabendo da dificuldade que teria de ter contato com algum morador que não fosse nessas condições, fui até o seu empreendimento e depois de conversar com os funcionários consegui ir até sua sala. Durante nossa conversa, perguntei há quanto tempo ele tinha o material de construção, segundo ele, já estava há praticamente 30 anos em Feu Rosa, e que residia ali há quase 2 anos, pois anteriormente morava na Praia do Canto. Com o andar da conversa, perguntei o que o motivou a morar no condomínio, e ele respondeu que um dos principais motivos fora a distancia, pois como já estava trabalhando em Feu Rosa, residir ali facilitaria as idas e vindas de todos os dias, e também a segurança e os lazeres que o condomínio oferece, pois segundo ele é maravilhoso para quem tem filhos pequenos. Perguntado sobre a relação entre os moradores do condomínio e o moradores do bairro, sua resposta foi bem direta e específica “Já temos uma convivência pacífica”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os condomínios horizontais fechados apresentam diversas problemáticas implícitas e explícitas dentro dessa chamada nova configuração do urbano, principalmente ao se falar da região da Grande Vitória, visto que tais empreendimentos já haviam se proliferado anteriormente em outras regiões do Brasil.

Este modelo de habitação é apresentado como um processo inverso dos vivenciados no Brasil, devido ao fato de pessoas de diferentes classes sociais estarem habitando um mesmo ambiente, no entanto, separados por diversos aparelhos segregadores que fazem com que essa aproximação se torne uma ilusão, devido a todo poder simbólico traduzido pelo condomínio.

Após ter tido esse primeiro contato com pessoas envolvidas com o cotidiano do condomínio e moradores do bairro vizinho, vejo que apesar dos condomínios expressarem todo esse teor de ambiente segregador, os indivíduos ainda não visualizaram isso no plano real, devido ao fato do condomínio se caracterizar como um novo bairro, as pessoas já se demonstram habituadas a essa diferenciação, expostas anteriormente pelas designações “bairros de pobres e bairros de ricos”.

Referências

→BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual; tradução Plínio Dentzien.— Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

→BAUMAN, Zygmunt. Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2009

→BECKER, Débora. Condomínios horizontais fechados: avaliação de desempenho interno e impacto físico-espacial no espaço urbano. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano Regional), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa da Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, UFRGS, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/7150> Acesso em agosto de 2014

→BOUDIEU, Pierre. O poder simbólico. Bertrand. Rio de Janeiro. 1998 http://www.academia.edu/5280192/Resenha_O_Poder_Simbolico_Pierre_Bourdieu Acesso em julho de 2014

→CASTEL, Robert. A insegurança social: o que é ser protegido?. Rio de Janeiro, Vozes, 2005 In BAUMAN, Zygmunt. Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2009.

→CALDEIRA, T. P. do R. (2000). Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo, Edusp.

→GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Unesp, 1991.

→GONÇALVES, Thalimar Matias. Produção do espaço urbano da Serra-Espírito Santo: estratégias recentes da construção imobiliária. Mercator, v.8, 2009 Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/334/249> Acesso em março de 2014

→GOTTDIENER, M. A produção do espaço urbano. São Paulo: Ed. Da USP, 1993 Disponível em: <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/viewFile/13487/7325> Acesso em julho de 2014

→HARVEY, David. Espaços de esperança. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves, São Paulo: edições Loyola, 2004

→HARVEY, David. A justiça social e a cidade. Tradução: Amando Corrêa da Silva, São Paulo: Hucitec, 1980.

→LEITÃO, L. (2005). Quando um muro separa e nenhuma ponte une. Cadernos MetrÓpole. São Paulo, n.13. Disponível em: http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CC4QFjAA&url=http%3A%2F%2Frevistas.pucsp.br%2Findex.php%2Fmetropole%2Farticle%2Fdownload%2F8805%2F6526&ei=2Lt1UZSZE8yB0QHgwoDoBQ&usg=AFQjCNHNAL-A1zgG2imcye26pcehuJPPsQ&sig2=81-ouBb9_GdIuBRry-gXHA Acesso em junho de 2014.

→ELIAS, Norbert; SCOTSON, Jonh L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

→MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: Notas para uma etnografia urbana”. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2002. Vol 17 n. 49

